

CONTRA O ESPECISMO,
CONTRA O
Leviatã!

Pantarei

**Danças das Idéias
2024**

Contra o especismo, contra o Leviatã!

Pantarai

Danças das Ideias
2024

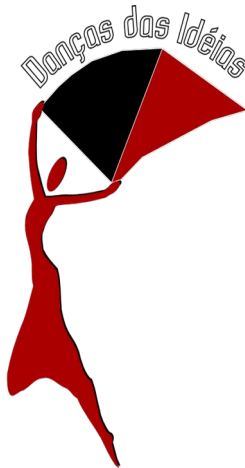
Edição original:

Against Speciesism, Against Leviathan!

Pantarai

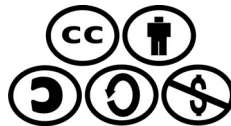
2022

Notes: First published in No Path #1. The publisher can be contacted at [nopath\[at\]riseup\[dot\]net](mailto:nopath[at]riseup[dot]net). No Path can be purchased at Little Black Cart.



tradução livre por Dança das Idéias
diagramação Barricada Libertária
Campinas/SP-Brasil, 2024

<https://anarkio.net>
e-mail: lobo@riseup.net



Contra o especismo, contra o Leviatã!

I. Um esboço de Leviatã e seus tentáculos	05
II. Esmagar o especismo – e a civilização	11
III. Abordando uma velha tensão	16
IV. A caça e a criação da civilização	23

Este artigo visa abrir um diálogo entre duas áreas-chave da práxis anarquista, aquelas que têm como alvo o especismo e a civilização. É fácil sentir que se espera escolher entre as duas em muitos círculos, e isso parece uma pena. É difícil imaginar como a libertação animal deveria ser fora da destruição da sociedade de massa e de tudo que a mantém unida; nem deveríamos ser convencidos por aqueles anarquistas anticivilização que falam sobre se opor à supremacia humana enquanto apoiam acriticamente a exploração animal. Aqui está um caso de por que e como as duas correntes podem ser combinadas.

I. Um esboço de Leviatã e seus tentáculos

Entre os anarquistas, a tendência predominante tem sido atacar a ordem existente de dentro da civilização humana, [1] partindo assim de uma base compartilhada em comum com autoritários de todos os tipos. Contrariando essa abordagem, alguns dentro do meio anarquista têm defendido uma escavação mais profunda, questionando não apenas o estado e a sociedade de classes, nem mesmo a hierarquia por completo, mas em vez disso o modo de vida que enquadrou o desenvolvimento desses fenômenos nos últimos 10.000 anos – a sociedade de massas baseada em cidades e agricultura. Denominado “Leviatã” por Fredy Perlman, [2] esse alvo para análise normalmente escapou à atenção das críticas esquerdistas [3] ; ainda assim, a principal contribuição do antivacivilização anarquista tem sido expor isso como uma falha, uma que ativamente nos encoraja a defender as suposições básicas das quais a hierarquia institucional, a pilhagem ecológica e a alienação cotidiana tão frequentemente se originam e se intensificam.

Algumas das características definidoras intimamente relacionadas da civilização incluem cidades, agricultura, sociedade de massa, ideologia e dominação tecnológica. Cada uma delas será apresentada por vez, juntamente com razões pelas quais os antiautoritários fariam bem em entrar em choque com elas, fornecendo assim uma introdução à rejeição anarquista da civilização (a ser seguida na próxima seção por uma discussão sobre o antiespecismo anarquista, depois por um olhar estendido sobre as implicações de misturar os dois).

Em sua essência, a civilização pode ser caracterizada pela urbanização, ou seja, o crescimento das cidades. Uma cidade é um habitat artificial projetado para concentrar grandes populações de humanos. É o domínio concreto de engarrafamentos, blocos de apartamentos e shoppings – aqui as luzes nunca se apagam e as estações passam despercebidas. Apesar da maioria dos humanos hoje viverem nesses ambientes claustrofóbicos e poluídos, muitas vezes os considerando naturais e inevitáveis, eles são apenas invenções recentes, surgindo pela primeira vez há cerca de 400 gerações. Antes disso (e em algumas regiões até hoje), os humanos evitavam completamente o assentamento permanente; eles [4] eram em grande parte nômades, movendo-se regularmente entre partes de uma biorregião, forrageando para sua

existência de acordo com os ciclos ecológicos locais. No entanto, desde então, o Leviatã espalhou a urbanização por todo o globo, devorando ou exterminando quase todas as culturas humanas não domesticadas, junto com muitas das formas de vida mais que humanas que cocriaram seus habitats. Em outras palavras, você pode pensar em uma cidade como um imenso organismo que devasta seu habitat enquanto caga lixo tóxico. Definidas por sua alta densidade populacional, as cidades são inerentemente incapazes de se sustentar em sua base terrestre local, o que significa que os arredores indomáveis de qualquer centro urbano — que se tornam cada vez mais distantes e estranhos para aqueles que vivem dentro — são invariavelmente colonizados para cultivar plantações, construir monumentos e abastecer a indústria. Não menos, o trabalho extra (e desnecessário) resultante necessita de reservas crescentes de trabalho forçado: de fato, a escravidão humana, que existe desde os tempos da Suméria, parece ter sido constante entre todas as civilizações antigas, sejam chinesas, indianas, maias ou cartaginesas (e sem dúvida tem sido indispensável para todas as modernas também, por meio da subjugação ao trabalho assalariado e à lei).

Com as cidades incapazes de se sustentarem materialmente, sua existência sempre esteve enraizada na agricultura (o cultivo de safras) e também na criação de animais. [5] A agricultura começou quando as sementes de plantas selvagens foram intencionalmente espalhadas em locais mais convenientes, com a prole com qualidades preferíveis sendo favorecida para reprodução posterior – uma inovação aparentemente inofensiva. No entanto, este era um meio de subsistência fundamentalmente diferente, aparentemente extremamente raro entre os animais neste planeta, ou seja, um marcado pela domesticação, um processo pelo qual um organismo promove seus próprios desejos redefinindo a constituição básica de outro. Praticar agricultura significa reduzir um habitat diverso e caótico – lar de inúmeras criaturas selvagens – em um pedaço de terra amplamente desprovido de vida, exceto (pelo menos mais visivelmente) para membros de um punhado de espécies de plantas semeadas por mãos humanas. Além disso, desde o início, o processo de domesticação parece ter sido recíproco; a agricultura transformou os humanos de forrageadores sem lei em fazendeiros que moravam em casas, labutavam sob o sol, recebiam ordens de chefes e viviam para o futuro. A mudança significou gastar mais tempo adquirindo alimentos, [6] e ofereceu uma dieta – focada em alimentos básicos como trigo, arroz e milho – que carecia de

variação e era mais vulnerável à instabilidade ecológica. [7] O sucesso surpreendente da sociedade agrícola globalmente não deve, portanto, ser atribuído à qualidade de vida que ela oferecia; o fator decisivo deve ter sido a quantidade muito maior de recursos que ela gerou, permitindo que muito mais bocas fossem alimentadas. Combinado com a conseqüente desertificação das terras agrícolas, [8] o contínuo crescimento populacional desencadeado pela agricultura considerou a expansão uma necessidade (daí a estreita conexão histórica entre civilização e império). Dada a superioridade numérica e tecnológica definitiva das sociedades agrícolas, elas gradualmente dominaram e destruíram quase todas as culturas humanas de forrageadores, exceto por um pequeno número de tribos que se mantêm firmes até hoje.

Civilização é frequentemente usada como outro termo para sociedade de massa, que se refere amplamente a uma rede cooperativa muito grande para que a maioria de seus participantes se conheçam. Como humanos civilizados, quase todos de quem dependemos para a vida cotidiana são estranhos; por exemplo, é improvável que saibamos os nomes ou rostos daqueles que cultivam nossa comida, constroem nossas moradias, fornecem nossa energia, produzem nosso entretenimento ou estabelecem nossos fatos. O afastamento mútuo característico do Leviatã (especialmente em sua forma contemporânea e altamente globalizada) garante que mesmo as tarefas mais básicas não possam ser concluídas sem a mediação de instituições centralizadas e opacas, como governos, corporações, escolas, hospitais e a mídia. Anarquistas sociais [9] e outros esquerdistas normalmente favorecem fortemente a manutenção da sociedade de massa, argumentando que ela pode ser transformada para excluir a burocracia e a alienação que atualmente dominam a vida civilizada. Uma análise honesta, no entanto, deve admitir que a possibilidade de relacionamentos não hierárquicos necessariamente declina em grupos maiores, com a liberdade individual sendo comprometida na medida em que a coordenação ocorre além do reino da experiência direta. Em sua essência, o processo de criação de uma massa significa padronizar como seus participantes se comportam; sem ordem e disciplina, a coerência de qualquer coletivo considerável é inevitavelmente minada, permitindo que ele se desintegre. Ao insistir que a autonomia local pode de alguma forma ser combinada com a sociedade de massa, os esquerdistas apenas disfarçam a hierarquia em vez de

desmantelá-la – em muitos aspectos, uma abordagem mais prejudicial do que abraçá-la abertamente. [10]

O segredo para construir uma sociedade de massa é a ideologia, que envolve a subordinação dos humanos a esquemas conceituais implantados por vários especialistas – religiosos, filosóficos, científicos, políticos – alegando representar algum tipo de verdade ou realidade superior. [11] A força-chave em jogo aqui é a reificação, que envolve tomar conceitos (entidades imaginárias que criamos e trocamos para modelar e comunicar nossas experiências pré-conceituais inefáveis) para serem de alguma forma mais reais do que as informações sensoriais das quais eles derivam. A reificação prioriza abstrações sobre o que pode ser visto e tocado; assemelha-se à confusão envolvida em tomar um mapa – potencialmente uma ferramenta muito útil – para oferecer algo diferente de uma representação altamente simplificada de uma massa de terra, como se o próprio mapa fosse a entidade real, e a massa de terra uma mera sombra de seu projeto. Exemplos de reificações incluem Deus, o estado, a nação, a economia, a sociedade, a moralidade e a lei, todos os quais são atribuídos de forma variada ao mais alto grau de autoridade sobre nossas vidas, apesar do fato de que tais entidades nunca são realmente vivenciadas, consistindo em meros devaneios. Para aqueles convencidos da realidade das obrigações reificadas, não temos mais gostos e desgostos simples, como qualquer animal selvagem; em vez disso, nos encontramos amarrados a valores (supostamente) transcendentais e universais ditados em massa por padres, cientistas e políticos, que promovem a obediência generalizada a apenas um punhado de ditames. A ideologia está no cerne de toda civilização, porque um grande número de estranhos só pode ser esperado a se submeter ao governo centralizado na medida em que eles acreditam em conjuntos comuns de ficções. Em contraste, o reinado das ideias não tem consequências para aquelas criaturas sem lei que não reconhecem nenhum chamado maior do que a sabedoria de seus sentidos; elas podem ser enjauladas, sem dúvida, mas nunca por conta própria.

Enquanto a ideologia expande a civilização em um nível psicológico, seu correlato material é a tecnologia, a transformação de objetos em instrumentos de acordo com o design racional. [12] Em termos gerais, os animais desenvolvem tecnologias para superar suas limitações fisiológicas, uma tendência que, no caso dos

humanos, resultou em tudo, desde as primeiras lanças (construídas como um substituto para dentes e garras afiados) até microscópios de super resolução e naves espaciais levadas a Marte. O desejo por empoderamento tecnológico é, obviamente, multifacetado, como sugerem exemplos como roupas, bengalas, escrita e hacking de computadores; [13] no entanto, também se manifestou cada vez mais como uma obsessão descontrolada por intervir em processos selvagens de todos os tipos. A tecnologia alimenta a lógica do supremacismo, convencendo seus devotos de que nós, humanos, podemos ser arquitetos do universo, uma força sobrenatural ou mesmo divina, para quem nenhuma característica do nosso habitat – sejam elas tão minúsculas quanto átomos ou genes, ou tão vastas quanto a atmosfera da Terra – está além da manipulação radical. Além disso, além de reduzir a biosfera a mero combustível e peças para a megamáquina, outra coisa a se notar sobre a dominação tecnológica é um certo paradoxo que ela envolve, a saber, que embora o objetivo seja aumentar as capacidades humanas, ela tende a nos tornar menos livres. Humanos civilizados aumentaram sua eficiência coletiva massivamente, mas apenas por meio de um imenso processo de especialização, que nos redefine como trabalhadores moldados para executar tarefas altamente limitadas, muitas vezes sem importância e entorpecentes em troca de um salário. Em contraste, enquanto os forrageadores individuais teriam acesso a muito menos tecnologias, muitos teriam sido notavelmente independentes, adquirindo alimentos de uma ampla variedade de fontes, usando plantas medicinais para curar os outros e a si mesmos, e construindo seu próprio abrigo, roupas e outras ferramentas (tudo sem burocracia ou materiais importados). Marxistas e anarquistas sociais geralmente defendem a sociedade tecnológica, argumentando que seu potencial libertador poderia ser liberado se apenas fosse colocado nas mãos certas. Mas essa suposição não percebe que a dependência tecnológica generalizada – não importa as crenças ou intenções professadas daqueles “no comando” – só pode enredar seus usuários em um vasto e incontrolável aparato, totalmente dependente de máquinas e seus técnicos anônimos para serem alimentados, vestidos, consertados, transportados e entretidos.

Em suma, a civilização pode ser caracterizada de forma mais concisa como a tendência da vida se organizar ao longo de linhas centralizadas – “civilizar” é apenas outra palavra para unificação, dominação, homogeneização, assimilação. Esta tem sido

uma corrente contínua da discussão até agora: as cidades incorporam paisagens e povos circundantes em um único conjunto de muros, governados por uma bandeira, idioma e lei; a agricultura substitui ecologias selvagens por artificiais, enterrando-as sob monoculturas cada vez mais vastas e simplificadas; a sociedade de massas exige unidade sobre a diversidade, tratando elementos incontroláveis como uma ameaça ao bem comum; a ideologia degrada a experiência vivida de humanos individuais, subsumindo suas perspectivas únicas em sistemas monolíticos de regra conceitual; a dominação tecnológica aplica essa lógica à realidade material, remodelando inúmeras formas de vida em ferramentas de indústrias inerentemente centralizadas e ecocidas. Para observar, esta crítica não sugere nenhum problema inerente com assentamento permanente, cuidar de plantas, organizar coletivamente, teorizar a realidade ou desenvolver técnicas. Em vez disso, a essência da civilização é a aplicação dessas práticas para subsumir o que é local e descontrolado em um todo totalitário.

II. Esmagar o especismo – e a civilização

Junto com o desenvolvimento de uma práxis anti-civ, outra corrente-chave da luta anarquista nas últimas décadas tem se preocupado com a dominação de outros animais. Isso é frequentemente formulado com referência ao especismo, isto é, uma ideologia que postula uma hierarquia moral entre espécies de animais, onde os membros de uma espécie são de alguma forma considerados melhores do que os de outra e, portanto, mais dignos de tratamento preferencial. Essa hierarquia ou cadeia de ser é tipicamente descrita como colocando a humanidade no topo, geralmente com referência a alguma qualidade – digamos, racionalidade – que supostamente nos torna extra-especiais. Espécies não humanas são consignadas a um status inferior, confirmando assim sua adequação para exploração e escravidão [14] pela economia insaciável do Leviatã, seja como animais de estimação, trabalhadores, objetos de teste, exibições, caça, roupas ou comida.

A maioria dos humanos civilizados concorda que a maneira como um pássaro ou um besouro vive não "depende deles" - eles não são autores de suas vidas. Em nenhum momento eles assumem um propósito maior, saem dos limites da experiência imediata ou criam conscientemente quem são. De fato, há todos os motivos para sugerir que, para o imenso número de formas de vida animal conhecidas, essa descrição é aproximadamente precisa. A chave para a mentalidade especista, no entanto, é a recusa em incluir o *Homo sapiens* em tal quadro; supostamente os humanos são excepcionalmente capazes de superar nossa animalidade, de direcionar o destino como acharmos adequado. Essa ideia está profundamente enraizada na ideologia da civilização ocidental, tendo assumido sua expressão mais explícita nas doutrinas do cristianismo, que ensinavam que os humanos - em posse exclusiva de um livre-arbítrio - foram criados à imagem de Deus para governar o mundo. Mais recentemente, o período conhecido como Iluminismo ocasionou o fim do cristianismo na Europa e em muitas de suas colônias; no entanto, a sua substituição pelo humanismo secular – a ideologia que afirma (entre outras coisas) que a humanidade pode usar a ciência e a tecnologia para dominar a realidade – serviu para preservar a mensagem central da religião ocidental tradicional, nomeadamente, que os humanos são fundamentalmente diferentes dos outros animais. [15]

Essa atitude humanística é muito mais difundida do que parece. Por exemplo, ela é reproduzida por uma grande quantidade de discurso ecológico, o tipo sutilmente antropocêntrico que destaca o *Homo sapiens* como uma espécie excepcionalmente desagradável ou maligna. Esse pensamento identifica o comportamento humano como algum tipo de afastamento radical da evolução natural, produzindo uma força suprema (embora malévola) sobre o planeta, na ausência da qual tudo estaria mais ou menos bem. Em vez de ver nossa atividade como manifestações de forças elementares que estão sempre em circulação, essa tendência retrata a espécie – mesmo quando sujeita ao desprezo – como poderosa o suficiente para criar algo novo sob o sol. Mas catástrofes ecológicas não foram inventadas por seres humanos; nem a exploração, a dominação ou a tecnologia. [16] Não somos tão especiais: não podemos salvar o mundo ou destruí-lo – ninguém pode. Em suas expressões mais cruas e potentes, o antiespecismo significa acordar para o fato inescapável da própria animalidade, junto com a recusa de qualquer tipo de excepcionalismo humano.

Um equívoco especialmente relevante é que os humanos foram os inventores da resistência à dominação. Essa visão — tão popular entre ativistas simpáticos — retrata outros animais como vítimas sem voz e indefesas, completamente subjugadas por forças exploradoras superiores, não menos dependentes da coragem e boa vontade humanas para melhorias em suas circunstâncias. No entanto, isso é apenas uma extensão do paradigma antropocêntrico clássico que considera todos os não humanos como objetos passivos e irracionais. Pelo contrário, as experiências de muitos outros animais no mundo parecem pelo menos tão vívidas quanto as nossas, não menos definidas por nuances ilimitadas de dor e prazer, ricas em sensualidade, intelecto, linguagem e sociabilidade. E essas histórias de vida complexas são frequentemente moldadas significativamente por várias lutas — por melhores condições, liberdade ou simplesmente vingança — contra a dominação humana. Quando macacos rhesus escapam das gaiolas de laboratórios de vivisseção arrombando as fechaduras, ou elefantes atacam seus treinadores em vez de realizar truques de circo, eles demonstram que a revolta antiespecista se origina desses próprios animais, não da intervenção humana. [17] Enquanto o comunista-libertário Errico Malatesta famosamente afirmou que 'nós, anarquistas, não queremos emancipar o povo; queremos que o povo se emancipe', aplica-se com não menos força que a libertação animal só é realmente

libertadora quando decorre da atividade autodeterminada daqueles mantidos em cativeiro. O papel dos camaradas humanos, entretanto, não pode ser o de “salvar” os indivíduos presos, meramente fornecer assistência a uma luta que já está acontecendo.

Os anarquistas antiespecistas tiveram um grande impacto nessa luta nas últimas décadas. Entre outras virtudes, esses camaradas frequentemente reconheceram que a libertação animal é ineficaz quando é de questão única ou reformista, e é melhor combinada com lutas mais amplas contra estruturas políticas como o estado, estruturas econômicas como o capitalismo e, de modo mais geral, sistemas de opressão, incluindo (mas não limitado a) supremacia branca, patriarcado, heterossexismo e cissexismo. Longe de serem preocupações isoladas, cada uma dessas estruturas reforça uma à outra de maneiras profundas, a ponto de limitar o foco a uma ou duas delas significa fortalecer muitas das relações sociais responsáveis pela exploração animal. A abordagem contrastante — em termos gerais, a visão dos direitos dos animais — tenta reconciliar o antiespecismo com a ordem atual, junto com suas leis, tribunais, prisões e policiais. Assim, ao buscar estender direitos ou mesmo cidadania da humanidade para outros animais, o ativismo pelos direitos animais apenas aprofunda o erro fundamental cometido pelos estatistas em geral, ou seja, a suposição de que ser aprisionado pelo corpo político pode ser um gesto libertador. Além de supor que o estado (e as noções de justiça e moralidade em sua fundação) é adequado para governar massas de seres humanos, o ativismo pelos direitos animais vai muito além, insistindo que outros animais também devem ser submetidos às horríveis estruturas políticas que infligimos a nós mesmos.

Apesar de algumas contribuições vitais, no entanto, a maior fraqueza da maioria das abordagens anarquistas ao antiespecismo é que elas tomam a importância da civilização como garantida. [18] Um primeiro problema resultante é a falha em questionar a agricultura, um método de subsistência que se desenvolveu ao longo dos milênios como uma espécie de guerra contra a natureza. É difícil imaginar algo mais especista do que uma monocultura, uma área de terra roubada de inúmeros animais não domesticados, radicalmente simplificada para sustentar membros de apenas uma única espécie. Além de serem privados de sua base terrestre, animais como pássaros, mamíferos e insetos são continuamente expulsos ou exterminados pelo uso de cercas, armadilhas ou pesticidas, e são mortos em massa como um procedimento de rotina

quando os campos são colhidos. Os liberais frequentemente promovem o veganismo como um meio “compassivo” ou “livre de crueldade” de sustentar a civilização, falhando em reconhecer que qualquer tipo de agricultura – mesmo quando dissociada da exploração direta de outros animais – só tem sucesso na medida em que realiza a supremacia humana sobre o terreno. Além da agricultura, a prática intimamente relacionada da criação de animais tem sido outra força motriz central na expansão do especismo. Enquanto os animais selvagens frequentemente vivem livres e não se curvam a ninguém, os domesticados são aqueles que – tendo sido domados por um mestre – são arrancados das capacidades de viver de acordo com seus próprios valores e desejos. Animais como ovelhas, cabras, porcos, gado e cavalos foram domesticados apenas por meio de um longo processo de confinamento e mutilação, trabalho forçado e reprodução, [19] resultando em criaturas significativamente redefinidas que permanecem tão cruciais quanto sempre para o funcionamento do Leviatã. Em suma, então, não houve forças mais destrutivas para outros animais do que a civilização, que destrói o habitat em uma escala imensa enquanto escraviza aqueles despossuídos dele.

Apesar de geralmente serem ignoradas, as lutas antiespecistas também podem se beneficiar muito do aprofundamento de sua oposição às cidades, tecnologia e ideologia. As cidades, além de enterrar habitats selvagens sob concreto, privaram os humanos do contato sensual direto com outros animais, reduzindo-os a espetáculos para serem consumidos em documentários ou feeds de mídia social. Não é tão surpreendente que massas de seres humanos vivendo em ambientes artificiais, onde apenas os não-humanos mais fortemente domesticados provavelmente são bem conhecidos, tenham se convencido de que sua própria espécie é a única que importa. Em contraste, aqueles humanos indígenas que vivem em ecologias selvagens parecem ter considerado óbvio que outros animais são pessoas conscientes e inteligentes. Somente na medida em que nos faltam experiências autênticas do mais-que-humano e, portanto, somos dependentes de especialistas científicos, religiosos ou filosóficos para nos guiar, é que provavelmente pensaremos de outra forma.

Em segundo lugar, a ascensão do especismo ao longo dos milênios só pode ser entendida à luz da grande influência da tecnologia. Os meios biológicos concedidos ao Homo sapiens – nossos dentes rombos e corpos relativamente fracos – oferecem pouca inspiração para impulsos supremacistas; o desenvolvimento tecnológico tem sido,

portanto, essencial para a ascendência (parcial) dos seres humanos sobre outros animais. [20] A criação de animais, por exemplo, surgiu historicamente apenas por causa de várias invenções humanas, entre elas gaiolas, correntes, cercas, bastões, guias, chicotes e marcas. [21] Além disso, o desenvolvimento do especismo também aprofundou a aplicação de outros animais como tecnologia, máquinas a serem manipuladas sem limites em busca da produtividade máxima (como talvez seja mais óbvio hoje em dia nas fazendas industriais). Finalmente, além de causar-lhes danos diretos, a dominação tecnológica também causa imensos danos não intencionais a outros animais, meramente como um subproduto do negócio usual do Leviatã, como com instrumentos tão variados quanto veículos motorizados, vidraças, luzes artificiais, sacolas plásticas, fertilizantes químicos, represas fluviais e turbinas eólicas.

Em terceiro lugar, a ideologia é tão central quanto qualquer coisa para a integridade do especismo. Além de confinar os animais em categorias de espécies altamente estereotipadas, [22] a lógica do especismo repousa na suposição básica do pensamento reificado, a saber, que os conceitos que os humanos empregam nos concedem acesso a algum tipo de realidade superior. Dada a aparente falta de popularidade de nossos conceitos entre outros animais, aceitar a ideologia inevitavelmente coloca os humanos em um pedestal. No entanto, abandoná-la e admitir que (até onde sabemos) nossos conceitos não podem transmitir conhecimento independente da mente, mais verdadeiro do que o que recebemos através dos sentidos, a base para considerar os humanos como “seres superiores” do que outros animais desmorona sob nossos pés. Pode ser o caso de que o *Homo sapiens* tenha se tornado especialmente talentoso no uso do pensamento simbólico; no entanto, os conceitos não são nada especiais, apenas outro exemplo das múltiplas ferramentas que vários animais aplicam para ajudá-los a passar o dia. Assim como morcegos e golfinhos desenvolveram o sonar, enquanto as aranhas aprenderam a tecer teias de seda, os humanos simplificaram a comunicação por meio do uso de linguagem complexa. Mas se distrair demais com essas ficções, mesmo a ponto de conceder a elas primazia sobre a experiência vivida, só leva a ver as coisas menos claramente do que aqueles animais que passam pouco ou nenhum tempo conjurando abstrações. Em suma, então, recusar o especismo só pode implicar a morte da ideologia – uma razão final pela qual o antiespecismo é inútil quando busca proteger a civilização.

III. Abordando uma velha tensão

Se o antiespecismo combina tão bem com a anticivilização, por que persiste uma cisão entre as duas correntes? A resposta provavelmente é direta: os antiespecistas geralmente têm uma forte aversão à caça de outros animais, enquanto os anarquistas anticivilização frequentemente favorecem um renascimento da caça-coleção como meio de subsistência. Um campo vê os outros animais como amigos ou camaradas, enquanto o outro — apesar de às vezes tratá-los como amigos e camaradas também — também está ansioso para explorá-los como recursos. A incompatibilidade muitas vezes parece fundamental. No entanto, pode se basear em uma suposição equivocada, a saber, que a anarquia anticivilização e o anarcoprimitivismo são a mesma coisa.

O anarco-primitivismo surgiu na América do Norte no final do século XX ; foi inicialmente encaminhado pelo periódico *Fifth Estate*, de Detroit , e hoje em dia está associado principalmente aos escritores John Zerzan e Kevin Tucker. Em termos gerais, o anarco-primitivismo defende as práticas de subsistência dos humanos indígenas, baseando-se em relatos antropológicos de suas vidas (tanto históricos quanto mais contemporâneos) para argumentar a favor de um retorno a um estilo de vida de coleta. Um elemento-chave dessa abordagem tem sido apresentar representações frequentemente altamente idealizadas das relações sociais e ecológicas dos caçadores-coletores, alegando que eles viviam sem hierarquia entre humanos – sem patriarcado, xenofobia ou desigualdade econômica – bem como despojo ecológico. [23] Apesar dessas descrições otimistas, os an-prims frequentemente colocam uma forte ênfase na importância de caçar outros animais como um meio de se sustentar fora da civilização, [24] colocando assim uma barreira entre eles e a maioria dos antiespecistas. No entanto, embora o anarco-primitivismo tenha estado na vanguarda da popularização de ideias anticivilização nas últimas décadas, um número crescente de vozes de dentro do meio anticivilização escolheram desde então se distanciar do rótulo e de muitas das ideias que o cercam. [25] Isso abriu a possibilidade de uma crítica anticivilização que, ao rejeitar o primitivismo, recusa uma ideologia que se apega a uma imagem de caçadores-coletores tradicionais como o modelo definitivo para a práxis anarquista contemporânea. Claro, este artigo fez uso de algumas das informações disponíveis sobre humanos forrageadores, e por um bom

motivo: suas histórias demonstram que a urbanização, a agricultura e a sociedade de massa são apenas adições relativamente recentes às relações humanas, invenções que colocam severas restrições às nossas capacidades de viver sem submissão. No entanto, podemos apreciar essas percepções sem buscar desesperadamente emular os caçadores-coletores, que prosperaram em uma era em que imensamente menos humanos viviam em um planeta que consistia mais ou menos inteiramente de áreas selvagens intocadas. [26]

Mais especificamente, o restante desta seção pergunta se – ao tentar combinar a recusa do especismo e do Leviatã – poderíamos separar a práxis anticiv da avaliação usual da caça. Tal abordagem é bem pouco ortodoxa; ao rejeitar o primitivismo, no entanto, fica mais fácil perceber que a maioria das celebrações de práticas de caça indígenas por críticos ocidentais da civilização são obras de fantasia. Por exemplo, em *The Practice of the Wild* (1990), o poeta e ecologista profundo Gary Snyder observa que "cada criatura é um espírito com uma inteligência tão brilhante quanto a nossa", apenas para nos dizer no parágrafo seguinte que "Outros seres (os instrutores dos velhos costumes nos dizem) não se importam em ser mortos e comidos como alimento, mas esperam que digamos por favor e obrigado, e odeiam se ver desperdiçados". Em outro livro brilhante, *The Spell of the Sensuous* (1997), confusão semelhante é oferecida pelo ecofenomenologista David Abram, que afirma que, durante uma caçada bem-sucedida, muitos humanos indígenas "falarão diretamente com o animal moribundo, elogiando-o, prometendo respeito e agradecendo-o por se oferecer a eles". Da mesma forma, em *The Vegetarian Myth* (2009), a fanática por carne Lierre Keith cita um antropólogo com aprovação: "Se os povos [indígenas] sofressem escassez de alimentos, eles não diriam: 'Não posso mais matar veados', mas sim: 'Os veados não querem morrer por mim'". Indo ainda mais longe, o colega escritor anticivilização Derrick Jensen afirma em *Endgame* (2006) que, enquanto brilhava na luz de sua geladeira aberta, um pedaço de salmão morto uma vez lhe disse: "Se você ajudar a destruir as represas, isso nos ajudará a sobreviver. Então você pode matar e comer todo o salmão que quiser. Nós até pularemos da água direto para onde você está esperando". Em *Meditações sobre a caça* (1972), por fim, o filósofo e entusiasta da caça José Ortega y Gasset parece certo de que "a maior e mais moral

homenagem que podemos prestar a certos animais em certas ocasiões é matá-los com certos meios e rituais".

Esses são exemplos genéricos dos extremos completamente ridículos que alguns tipos anticivilização chegam ao tentar justificar a caça. Em suma, a ideia básica que aparece repetidamente é que caçar outros animais é de alguma forma baseado no respeito mútuo. Como presas em potencial, eles consentem em ser caçados, não se importam com isso, ou até mesmo se divertem; inversamente, como predadores em potencial, os seres humanos matam e comem outros animais como uma expressão de nosso amor e apreciação por eles. Os anarquistas anticivilização fazem bem em apontar que é altamente preferível caçar em vez de domesticar animais, dado que isso evita escravizar tais indivíduos no processo de utilizá-los. No entanto, também tem sido um erro comum sugerir que caçar outros animais poderia ser livre de exploração. Tal prática só pode significar usar, coagir, machucar e objetificar alguém, relacionando-se com eles exclusivamente em termos do que eles podem fazer por você. Nem deveríamos negar a dominação inerente envolvida em um processo – fundamentalmente sobre poder e controle – no qual um predador subjuga sua presa e a torna sua, destruindo sua autonomia no processo. Não há respeito a ser demonstrado aqui, certamente não pelo indivíduo caçado. Essas imaginações coloridas servem apenas para acalmar a consciência do predador; elas são claramente inúteis para a presa moribunda. Um relato honesto só pode reconhecer que caçar alguém é uma das piores coisas que podemos fazer a eles.

Como esse ponto simples provou ser impossível para muitos entenderem? Presumivelmente, uma tensão duradoura está em jogo: por um lado, aqueles simpáticos à caça-coleção geralmente estão ansiosos para considerar outros animais como amigos ou parentes familiares, indivíduos inteligentes dignos de respeito ou mesmo reverência espiritual; por outro lado, é considerado vitalmente importante caçar e matar tais animais, dominá-los e explorá-los, tratando-os tão violentamente quanto faríamos com nossos piores inimigos. Não deveria ser surpresa, então, que os humanos ao longo das eras tenham inventado narrativas de bem-estar para suavizar a contradição. Na medida em que o compromisso com a caça é final, só pode fazer sentido (para aqueles dispostos a participar de uma ilusão séria) supor que aqueles que massacrados são gratos por essa "homenagem mais moral".

Para aqueles que, apesar de estarem em desacordo com o Leviatã, não pretendem que a caça seja algo diferente do que é, podemos ter uma base para preferir evitá-la. [27] No entanto, há uma resposta muito importante a considerar aqui. Levar a sério uma aversão à caça significa, sem dúvida, traçar linhas ousadas e fantasiosas através da realidade, separando os animais – como se fossem os únicos indivíduos dignos de preocupação – de todo o resto, que é reduzido a matéria irrelevante e morta. Enquanto a norma na civilização ocidental tem sido distinguir os humanos de todos os outros seres ao longo de linhas metafísicas [28], tornando assim a humanidade e a comunidade moral uma e a mesma coisa, o antiespecismo corre o risco de reposicionar o mesmo tipo de divisão reificada em outro lugar. Os animais são considerados indivíduos conscientes merecedores de gentileza e proteção; no entanto, todo o resto – talvez todos os seres sem sistema nervoso central, incluindo plantas, micróbios e minerais, bem como entidades maiores como florestas, montanhas e planetas – são considerados coisas passivas, insensatas e idiotas, fundamentalmente inferiores em comparação a nós, animais inteligentes. Aqui temos outra narrativa que faz bem, dessa vez fingindo que podemos usar não animais como recursos sem causar-lhes mal algum, porque os animais são os únicos seres aos quais se pode fazer mal. Veganos liberais e radicais geralmente ficam felizes em assumir tal posição (talvez a ciência moderna, em seus limites atuais, pudesse ser usada como justificativa). Mas é preciso dizer que essa visão é eminentemente civilizada, contrastando fortemente com as inúmeras maneiras de ver e sentir mantidas por muitos humanos indígenas desde tempos imemoriais. Essas perspectivas são frequentemente agrupadas sob o termo genérico "animismo", que se refere a qualquer tipo de visão de mundo que se recuse a traçar limites nítidos entre matéria animada e inanimada, em vez disso, considerando todos os objetos - uma cobra atravessando o deserto, uma rocha silenciosamente brotando líquens - como indivíduos fisicamente e mentalmente ativos, cocriadores de nossa realidade comum. [29] Em vez de simplesmente reorganizar a cadeia do ser, como faz o antiespecismo civilizado, as sensibilidades animistas destroem todas essas tentativas de categorizar a realidade hierarquicamente, revelando que esses grandes esquemas metafísicos são contos de fadas. Para a discussão atual, tal reviravolta é totalmente inconveniente, porque nega qualquer esperança de uma resposta fácil que separe o “caça justa” dos indivíduos a quem devemos respeito. Aparentemente, não há

opções não exploratórias: para sobreviver ao dia, precisamos consumir algo para sobreviver. Por que priorizar os animais acima de tudo, dado que a inteligência e a vontade de viver se estendem muito mais?

Neste ponto, a discussão frequentemente se desfaz, separando os antiespecistas civilizados dos caçadores-coletores selvagens. No entanto, ao tomar uma posição contra o especismo e o Leviatã, podemos notar que considerar tudo como vivo dificilmente implica considerar tudo igual. Os animais se esforçam sem maior paixão para passar o dia; nem suas vidas são intrinsecamente mais significativas; nem devem ser considerados seres melhores ou superiores. No entanto, apesar de reconhecer um javali, um arbusto de sálvia e um geodo como fundamentalmente semelhantes, cada um tão brilhante quanto o outro, há peculiaridades definidas em como gostaríamos de interagir com cada um deles.

Os animais são os únicos organismos com os quais os humanos podem potencialmente fazer amigos? Por outro lado, suas culturas são as únicas para as quais podemos ser potencialmente conhecidos como inimigos? No mínimo, parece que os humanos são distintamente suscetíveis a serem psicologicamente perturbados pela experiência de infligir sofrimento aos animais. Talvez isso explique por que os humanos indígenas frequentemente atribuíram um significado singularmente grave ao ato de matá-los, tornando outros animais os objetos dos rituais mais decorados. De fato, essa ansiedade solene em torno da caça – bem como sua estreita correspondência com a criação de mitos – parece ter estado presente na mente de pelo menos um ocidental determinado a escapar da civilização, Ted Kaczynski. [30] Ao relatar suas experiências de rewilding em uma entrevista com o *Blackfoot Valley Dispatch*, ele mencionou uma vez que, toda vez que atirava e matava um coelho-da-neve, 'eu [dizia] em voz alta “Obrigado, Avô Coelho” – o Avô Coelho é uma espécie de semideus que inventei, que é o espírito tutelar de todos os coelhos-da-neve.' Não será surpresa para muitos leitores que ele pareça não ter tido impulso de inventar um semideus para o espinafre ou as batatas que ele cultivava para alimentação em seu jardim, nem mesmo para as árvores que ele usava como lenha. Esses pontos falam das peculiaridades sutis que as mentes humanas, tanto civilizadas quanto selvagens, frequentemente atribuem a outros animais, nossos parentes não humanos mais próximos e familiares.

No entanto, alguns responderiam que esses pontos são antropocêntricos. Comparados com plantas e fungos, outros animais são mais semelhantes a nós, humanos, portanto, podemos ter empatia e nos comunicar melhor com eles, apreciar mais facilmente sua inteligência, sentir sua alegria e sua dor como nossas. Essa abordagem não equivale a pouco mais do que priorizar aqueles seres que mais se assemelham aos humanos? Em um sentido definitivo, sim. No entanto, devemos ter em mente que todas as nossas decisões devem vir com pelo menos uma pitada de antropocentrismo, dado que os estados mentais de alguém nunca são desencarnados ou objetivos, e só podem ser contidos pela perspectiva limitada e tendenciosa de um organismo particular - no nosso caso, o de um ser humano. Tenha em mente, no entanto, que isso não é antropocentrismo como geralmente o entendemos, no sentido fundamentalmente cristão que considera os humanos como seres unicamente racionais ou espirituais e, portanto, eleva o *Homo sapiens* acima de todas as outras criaturas. Nós partimos do terreno do moralismo aqui, de reificar as preferências pessoais ao nível dos universais; é apenas uma questão de notar que – quando forçados a escolher – os organismos frequentemente consomem aqueles seres com os quais se relacionam menos facilmente.

Claro que essa resposta é bem arbitrária. Outra abordagem — uma focada mais nas necessidades dos outros do que em nossos próprios sentimentos viscerais — pode chamar a atenção para o fato de que, em vez de simplesmente serem criaturas que preferimos, os animais geralmente têm fisiologias que significam que eles não podem ser consumidos sem serem mortos. Você só pode comer um pedaço de um búfalo, por exemplo, acabando com a vida dessa criatura completamente — um gesto totalmente explorador. Por outro lado, a constituição de muitas plantas é tal que elas podem ser consumidas sem prejudicá-las. Ao consumir frutas de uma árvore, os humanos podem até mesmo beneficiar o organismo-mãe (também o habitat mais amplo) espalhando suas sementes em outro lugar, desempenhando assim um papel íntimo em sua reprodução. Nozes e leguminosas também podem frequentemente ser comidas sem matar ou danificar o pai, uma relação que — embora não tenha o elemento mutualístico do consumo de árvores frutíferas — pelo menos potencialmente evita danos. Grãos, ervas e cogumelos geralmente podem ser consumidos apenas danificando o organismo, embora muitas dessas criaturas sejam resistentes a serem

parcialmente comidas, na medida em que suas raízes/micélio não sejam removidos. Por fim, o consumo de plantas que são consumidas inteiras ou visadas por suas raízes – vegetais de jardim, por exemplo – pode de fato envolver um grau de exploração comparável ao envolvido na caça de um animal (mesmo que a maioria dos vegetais não sobreviva além de uma estação). No geral, no entanto, permanece um sentido definido no qual o consumo de plantas e fungos permite que alguém pergunte como entrar em simbiose com o organismo em questão, ou pelo menos minimizar os danos. Nenhuma questão desse tipo pode ser colocada com a caça, uma prática que – no que diz respeito aos indivíduos envolvidos – é muito mais do que tudo ou nada. [31]

Muitos interpretaram o nihilismo [32] como uma espécie de vale-tudo, em que a libertação dos grilhões morais nos convida a matar e mutilar quem quisermos sem a menor preocupação com empatia ou remorso. Na verdade, não há nada objetivamente errado com tal abordagem. No entanto, para aqueles de nós interessados em viver a anarquia – aquelas inúmeras situações nas quais não nos conhecemos nem como mestre nem como escravo – isso não pode ser suficiente. As considerações acima, portanto, preocupam-se em perguntar como podemos nos sustentar enquanto minimizamos a exploração causada no processo. Não porque seja a “coisa certa” a fazer, porque você é uma pessoa de merda se não fizer; simplesmente porque (para alguns de nós) isso abre aqueles momentos em que nos sentimos mais vivos.

IV. A caça e a criação da civilização

Enquanto foi argumentado anteriormente que o especismo está completamente enredado na dinâmica da civilização, esta última seção pergunta se o oposto também é verdadeiro, se as origens do Leviatã são significativamente fundamentadas em práticas de caça pré-históricas. Colocar tal questão inevitavelmente entra em conflito com a ortodoxia anti-civ, que considera a domesticação como a mudança histórica responsável não apenas pela ascensão da civilização, mas pela ascensão de relações opressivas por completo. Como é definitivo do anarco-primitivismo, Zerzan e Tucker argumentam que a dominação e a alienação surgiram pela primeira vez há cerca de 10.000 anos, e apenas entre os humanos indígenas que primeiro adotaram a agricultura ou a criação de animais. Com o surgimento desta nova estratégia de subsistência, uma ruptura repentina e fundamental com a pré-história supostamente ocorreu, estragando uma era em que os humanos em todo o mundo experimentaram uma completa ausência (ou pelo menos muito pouco) de conflito, territorialismo, propriedade, divisão de trabalho, fome e doença, além de viver em harmonia com outros que não humanos. [33] Sem dúvida, esta abordagem chega a algo importante: como foi fundamental para este ensaio, não há chance de entender ou perturbar significativamente a ordem atual enquanto ignoramos o papel que a domesticação – da flora, de outros animais e dos humanos – desempenha em sua sustentação. No entanto, ao colocar uma ênfase tão pesada em um elemento entre muitos potencialmente, os an-prims falharam em perguntar se a domesticação era apenas uma intensificação de uma guerra contra a natureza que já existia há muito tempo, até então assumindo principalmente a forma de caça. [34]

Se a caça for definida de forma mais ampla (por exemplo, incluindo a matança de lagartos, insetos ou pequenos mamíferos, bem como o roubo de ovos), ninguém poderia adivinhar quando os humanos pré-históricos [35] ou seus ancestrais a praticaram pela primeira vez – talvez ela sempre tenha existido. Em algum ponto da evolução humana, no entanto, a caça aparentemente assumiu uma forma mais refinada e guerreira, envolvendo a caça de mamíferos maiores com o uso de estratégias coordenadas e tecnologias relativamente sofisticadas. Quando exatamente tal prática – chame-a de “caça planejada” – surgiu pela primeira vez nunca pode ser conhecido com

certeza, nem até que ponto ela se generalizou entre humanos forrageadores. [36] No entanto, mesmo uma abordagem cautelosa aos dados arqueológicos disponíveis sugere que, muitos milênios antes de mãos humanas rotineiramente semearam sementes ou transformaram animais selvagens em gado, a caça planejada teve um impacto devastador.

O Pleistoceno Superior foi o período geológico que abrangeu cerca de 120.000 anos entre o fim da Última Era Glacial e o surgimento da civilização humana. Uma de suas características definidoras foi a expansão do *Homo sapiens* pelo globo, outra foi a extinção de uma porção notavelmente grande da megafauna do planeta, especialmente mamíferos. Aproximadamente 70.000 anos atrás, quando o *Homo sapiens* se estabeleceu com sucesso além da África, havia cerca de 200 gêneros (agrupamentos de espécies) de grandes mamíferos terrestres (aqueles que pesavam mais de cinquenta quilos). No entanto, o registro arqueológico sugere que, na época da Revolução Agrícola, esse número havia sido reduzido pela metade - apenas cerca de 100 desses gêneros permaneceram. Ao contrário da África e da Eurásia, essa onda de extinções parece ter sido mais pronunciada nos continentes onde o *Homo sapiens* chegou repentinamente. Na Austrália, por exemplo, a chegada de nossos ancestrais — presumivelmente de barco há cerca de 45.000 anos — corresponde à perda repentina de mais de 90% dos grandes animais da ilha. Entre os erradicados estavam leões marsupiais e pássaros incapazes de voar, duas vezes maiores que avestruzes, os maiores lagartos terrestres conhecidos, bem como cangurus gigantes, coalas e vombates. Algo semelhante então pareceu acontecer nas Américas, onde os humanos provavelmente chegaram a pé há cerca de 16.000 anos, cruzando da Sibéria para o Alasca pelo Estreito de Bering. Eles foram recebidos por mamutes, mastodontes, camelos, cavalos, tigres dentes-de-sabre e preguiças gigantes, todos os quais prosperaram nas Américas na época; mas nenhum deles sobreviveu aos próximos dois mil anos. Durante esse período relativamente curto, 70% dos gêneros de grandes mamíferos da América do Norte foram extintos, junto com 80% dos da América do Sul. [37]

Talvez um resultado tão severo não seja surpreendente. Dificilmente podemos exagerar até que ponto os colonizadores humanos teriam sido fortalecidos por tecnologias avançadas, potencialmente incluindo lanças, machados e flechas com

pontas de rocha lascada, bem como o uso controlado do fogo para limpar florestas densas em pastagens. Não tendo experiência anterior com o *Homo sapiens*, as criaturas indígenas da Austrália e das Américas não teriam o conhecimento necessário para resistir ao seu avanço; inversamente, os recém-chegados devem ter visto os locais como alienígenas, exigindo gerações de coabitação para tratá-los com menos severidade. [38] Como sempre, os detalhes não podem ser conhecidos, e o que parece mais claro continua sendo uma suposição informada. No entanto, parece impossível perguntar como tantas espécies foram perdidas durante o Pleistoceno Superior sem implicar a caça planejada como um fator decisivo. [39]

O anarcoprimitivismo é uma das inúmeras ideologias que buscam minar a opressão contrastando os horrores do presente com um passado pré-lapsariano, uma era da pré-história na qual os humanos viviam totalmente em equilíbrio tanto com a natureza quanto entre si. Tais noções são reconfortantes, porque nos permitem acreditar que a situação atual – definida como é pela morte e catástrofe – é algum tipo de anormalidade, um mero pesadelo passageiro a ser seguido por um retorno à bem-aventurança. No entanto, as extinções mencionadas acima são apenas uma das principais razões para duvidar de uma cronologia tão altamente simplista. [40] Muitos esquerdistas apontam para o capitalismo como a fonte da catástrofe ecológica; a ortodoxia anticivilização aponta, em vez disso, para a domesticação; enquanto a discussão atual questiona se o ecocídio induzido pelo *Homo sapiens* pode ser discutido em termos de “origens”.

Seguindo em frente, além de causar estragos antes da Revolução Agrícola, a caça planejada também pode ter desempenhado um papel decisivo no nascimento do próprio Leviatã. A primeira coisa a ser notada aqui é que a domesticação de animais envolveu apenas o aprofundamento de um relacionamento de exploração de longa data, não sua invenção do nada. A caça deve ter rotinizado a violência e a coerção contra presas não humanas, presumivelmente a ponto de tais interações se tornarem mundanas, fornecendo assim um trampolim crucial para a ascensão da criação de animais. Isso deve ter correspondido à incubação de uma mentalidade especista, que justificava a predação de outros animais com base em seu status inferior, [41] abrindo caminho – muito gradualmente e ao longo dos milênios – em direção à sua eventual escravidão. Na falta de inúmeras gerações de prática na caça, a criação de animais só

poderia ter sido impossível (junto com as cidades e a agricultura também, ambas consistentemente descritas como surgindo milhares de anos depois, e foram amplamente construídas nas costas de animais sequestrados e seus descendentes).

A caça planejada também pode ter desempenhado um papel crucial no desenvolvimento da centralização, patriarcado, ideologia e divisão cultura/natureza — todas elas características centrais da civilização. Começando com a centralização, os anarquistas anticiv fazem bem em enfatizar que a agricultura — com seu excedente armazenado, divisão de trabalho e massificação gradual das relações humanas — dificilmente poderia ter prosperado sem induzir extensa burocracia e especialização (um processo que mais tarde culminou na ascensão de cidades, assentamentos de tal tamanho que não podem funcionar sem governos). No entanto, seria um erro deixar a caça planejada de fora deste relato, dado que deve ter sido uma das práticas humanas mais antigas que necessitavam de hierarquia. Ao contrário da busca por plantas e fungos, que promove a autonomia de indivíduos e pequenos grupos, é difícil imaginar como os humanos poderiam ter usado regularmente a tecnologia da Idade da Pedra para caçar grandes mamíferos — mamutes lanosos e rinocerontes, entre outros — sem desenvolver liderança e disciplina fortes. Enquanto Zerzan associa a chefia à civilização, [42] parece infundado supor que tal forma social não tenha sido anterior à domesticação, especialmente dada a sua documentação mais recente entre caçadores-coletores. [43] E na medida em que o foi, deveríamos considerar seriamente se a caça planeada — uma expressão distintamente masculina de força e coragem face ao perigo alienígena — foi a principal atividade da qual tal autoridade foi derivada.

Nessa nota, qualquer tentativa de explicar as origens do gênero e do patriarcado sem referência à caça planejada parece especialmente limitada. Zerzan atribui grande importância ao gênero, que ele descreve como a divisão sexual do trabalho imposta artificialmente, argumentando que — tendo surgido milhares de anos antes da domesticação — ele estabeleceu certas bases (especialização, separação, hierarquia) que mais tarde foram amplamente expandidas pela agricultura e pecuária. [44] Mas ele não oferece nenhuma explicação de como 'a revolução de gênero' se estabeleceu com sucesso dezenas de milhares de anos antes da domesticação, por volta do início da Idade da Pedra Tardia; talvez porque tal explicação não possa deixar de enfatizar a caça? A coleta de plantas e fungos selvagens (bem como a caça e coleta não

planejadas) é frequentemente compatível com a gravidez e o cuidado infantil e, portanto, era improvável que tivesse provocado a ascensão do gênero entre os humanos. Em contraste, a caça planejada – com suas campanhas militaristas prolongadas – geralmente exclui aqueles comprometidos com papéis reprodutivos. Dentro da esfera de atividades prováveis regularmente praticadas por forrageadores pré-civilizados, é difícil imaginar uma base mais significativa sobre a qual os humanos poderiam ter começado a se dividir ao longo de linhas de gênero, atribuindo aos seus órgãos reprodutivos grande significado social. [45] Além disso, além de separar homens de mulheres, a caça planejada provavelmente contribuiu para o arranjo hierárquico dessas categorias, para a formação do patriarcado. Entre os forrageadores que mais dependiam da caça planejada (como fonte de identidade e autoridade, bem como para alimentos e outros materiais essenciais em habitats hostis e anteriormente não colonizados), os homens devem ter adquirido um status cada vez mais superior, juntamente com as habilidades e mentalidades mais úteis para exercer o controle social. Zerzan não se engana ao descrever a domesticação como uma expressão fundamentalmente masculina, 'como energia masculina subjugando a natureza feminina, uma fronteira após a outra'. No entanto, essa dinâmica – a dominação combinada de mulheres e do mais-que-humano – é exibida pelo menos tão claramente na prática muito mais antiga da caça planejada, da qual Leviatã deve ter sido uma elaboração.

Sobre a ideologia, sem referência à caça planejada, qualquer relato de como o reinado das ideias se estabeleceu sobre as mentes humanas deve ser incompleto. Antes da invenção de ficções como Deus, o estado, a moralidade ou a sociedade, a reificação teria sido usada para justificar a caça, que (como já foi discutido) envolvia matar criaturas que os humanos indígenas frequentemente viam como parentes. Para convencer a si mesmo de que caçar alguém pode ser uma expressão de amor ou respeito por eles, torna-se necessário tomar algum tipo de abstração – seja a ideia de seu espírito invisível, ou então de sua espécie – para de alguma forma ser mais real do que o organismo vivo e respirante em questão. Os rituais de caça podem, portanto, ser descritos como concernentes à subordinação da vida senil a abstrações, com entidades imaginárias sendo servidas em detrimento das necessidades de indivíduos realmente existentes. Tais práticas sem dúvida se tornaram altamente comuns na era moderna;

ainda assim, muitos *Homo sapiens* podem ter experimentado com elas primeiro em uma tentativa de aliviar as emoções difíceis que frequentemente surgem da caça.

Por fim, talvez a característica mais fundamental de uma mente civilizada seja a tendência de dividir a cultura da natureza, de considerar os assuntos humanos como algo distinto do reino das forças selvagens, incontroláveis e não humanas. O discurso anticivilização apontou que essa separação ilusória é amplamente fundamentada na agricultura, uma abordagem de subsistência que depende da subordinação de processos ecológicos ao controle humano, bem como na urbanização, que se distingue do nomadismo pela criação de habitats projetados artificialmente. Sem dúvida, essas mudanças devem ter sido decisivas para convencer os humanos de seu suposto status excepcional; mas devemos hesitar antes de assumir que a civilização inventou a divisão natureza-cultura completamente. Em *A View to a Death in the Morning* (1993), uma exposição histórica do significado cultural da caça para a civilização ocidental, o antropólogo Matt Carthill argumenta que uma das características distintivas da caça é que ela tem como alvo um animal selvagem, ou seja, alguém que vive fora do domínio humano e está pronto para proteger essa liberdade fugindo ou revidando. Como tal, ele descreve apropriadamente a caça planejada como 'um confronto armado entre a humanidade e a selvageria, entre a cultura e a natureza'. Em outras palavras, só se pode conceber a caça à luz de uma separação conceitual entre cultura e natureza, entre o próprio mundo e um Outro externo contra o qual se trava uma guerra – caso contrário, não há “animais selvagens” para falar. Deveríamos, portanto, esperar que essa mentalidade tenha precedido a domesticação, [46] apenas em uma forma mais rudimentar que mais tarde foi massivamente expandida por várias ideologias civilizadas, culminando nos modos de pensamento hiperalienados conhecidos muito bem no Ocidente hoje.

Para esclarecer, seria fácil ler esses pensamentos como uma tentativa de suplantando a ênfase anarcoprimitivista na domesticação com uma nova ênfase na caça planejada, como se esta última fosse o verdadeiro eixo das relações opressivas, a dobradiça sobre a qual a história gira. Mas não é assim. Afirmar algo do tipo apenas ofereceria a versão mais recente da compreensão esquerdista típica do passado, que destaca qualquer eixo de dominação como a solução oculta para o que Karl Marx chamou de "o enigma da história". De fato, tais relatos encontram seu arquétipo no

marxismo, segundo o qual a totalidade do passado pode ser explicada com referência a um único tema, o conflito de classes. Alegadamente, foi apenas com a invenção da propriedade privada que os humanos começaram a se organizar em classes, um evento de significância inigualável que substituiu um mundo livre de exploração por vários sistemas de trabalho e submissão, sendo o capitalismo o exemplo mais recente. Essa abordagem básica foi refeita várias vezes, não apenas por anarcoprimitivistas. Por exemplo, em *The Ecology of Freedom* (1982), Murray Bookchin [47] rejeitou orgulhosamente o “pecado original” identificado pelos marxistas (propriedade privada), bem como pelos anarquistas ortodoxos (a invenção do estado), apenas para inventar um pecado original próprio – a invenção da hierarquia. Em algum momento no passado, todos os humanos em todos os lugares supostamente viveram sem dominação, tanto social quanto ecológica, após o que os anciãos e xamãs criaram as primeiras hierarquias, gerando assim, eventualmente, a classe, o estado e o abuso ecológico. Outro pós-marxista, em *Liberating Life* (2013), Abdullah Öcalan [48] contou uma história semelhante à de Bookchin, apenas com um foco particular no patriarcado, supostamente a primeira forma de escravidão, que transformou um mundo de liberdade e igualdade em um dominado por estados-nação capitalistas. Por último, mesmo os escritores anti-especistas reproduzem o tipo de antropocentrismo mencionado acima, destacando a atividade humana como responsável pela criação (e dissolução) da hierarquia – excepto que recontam a história com uma ênfase especial na exploração animal. [49]

O problema central aqui é mais profundo do que decidir qual desses (ou outros) relatos reducionistas conseguiu de alguma forma acertar. Em vez disso, diz respeito a qualquer tentativa de esmagar o passado — tão vasto, complexo e misterioso quanto possível — em uma única narrativa, ou seja, uma explicação unificada das origens da opressão. Seja com referência à classe, gênero, caça ou o que for, qualquer relato identifica um momento histórico crucial quando tudo deu errado (por consequência, eles sustentam a implementação global de qualquer causa política correspondente — comunismo, feminismo, veganismo, etc. — como o segredo para alcançar a emancipação universal). No entanto, a discussão sobre caça planejada não é interessante porque oferece uma descrição rival de como um mundo edênico foi estragado pelo pecado original da predação: seu uso está em revelar que tal idílio

nunca existiu. Guerra, predação, colonização, extinção — dizer que isso existe desde que existem humanos seria um eufemismo; até onde podemos dizer, eles parecem ter sido disseminados entre organismos não humanos ao longo do curso da evolução natural. Embora potencialmente ganhemos muito contando boas histórias sobre como nossos inimigos acumularam seu poder, podemos reconhecer que tanto o especismo quanto o Leviaatã apenas aceleraram forças que estão sempre em movimento. Seria outra ilusão humanística sugerir que o *Homo sapiens* é poderoso o suficiente para transformar o mundo, seja para pior — por meio da invenção da opressão — ou para melhor, na forma de uma transição revolucionária para uma utopia futura. Esses relatos lineares do tempo são extremamente populares na civilização ocidental; [50] ainda assim, eles atribuem aos humanos um grau de agência que nunca possuiremos. Não podemos mudar o mundo, ninguém pode! Realmente não há passado, e também não há futuro: há apenas o aqui e agora, contendo tudo o que há ou poderia haver, incluindo todas as oportunidades para a anarquia, bem como para o fascismo.

Notas

[1] O termo “civilização humana” é usado aqui para manter a mente aberta sobre se alguns outros animais também podem viver em civilizações. Formigas e cupins são exemplos notáveis, alguns dos quais praticam, sem dúvida, a sociedade de massa, a urbanização, a criação de animais e a agricultura. Ao longo do resto deste texto, falar de “civilização” deve ser tomado como uma abreviação meramente para civilização entre humanos.

[2] Perlman introduziu o significado relevante do termo em *Against His-tory, Against Leviathan!*, o livro de 1983 que muitos consideram como o fundador da corrente primitivista/anticivilização dentro do anarquismo contemporâneo.

[3] O esquerdismo inclui amplamente aqueles movimentos políticos que podem ser rastreados até alguma variedade de socialismo, incluindo marxismo, social-democracia, ecologia social, anarquismo social e política de identidade. Apesar de sua diversidade, todos eles compartilham ênfases esquerdistas típicas em coletivismo, justiça social, humanismo, civilização e progresso. Em contraste, os anarquistas pós-esquerdistas rejeitam a esquerda como uma força autoritária e civilizadora, presente e historicamente responsável por redirecionar a revolta selvagem para o controle institucional. Em vez de análise social reificada e organização de massa, a anarquia pós-esquerda frequentemente aplica teoria não ideológica e laços de afinidade informais para fins de insurreição imediata.

[4] Falar de um “eles” em referência aos caçadores-coletores humanos deve ser encarado com cautela, dado que os dados antropológicos (decididamente fragmentados) disponíveis dificilmente descrevem uma alternativa uniforme à vida civilizada, mas sim uma série de fragmentos frequentemente encorajadores vindos de além dos muros da cidade.

[5] A criação de animais é discutida na seção seguinte. A agricultura, que é discutida aqui, é definida neste artigo como excluindo a criação de animais, porque usar a palavra *otherwise* (do latim: *ager*, que significa “campo, fazenda, terra, propriedade” e cultura, que significa “crescimento, cultivo”) trata outros animais como características impessoais da terra.

[6] Até mesmo os forrageadores que vivem nos habitats mais hostis – como os bosquímanos do deserto do Kalahari – foram descritos por antropólogos como gastando consideravelmente menos tempo no trabalho do que a maioria dos humanos civilizados, tanto em nações menos desenvolvidas quanto em nações mais industrialmente desenvolvidas. Note também que, além de uma discussão sobre horas gastas realizando trabalho, a agricultura desencadeou a invenção do trabalho por completo, uma esfera de atividade (aparentemente desconhecida dos forrageadores) na qual você realiza tarefas para outra pessoa em troca das necessidades da vida.

[7] Ao concentrarem-se em culturas específicas, os povos agrícolas tornam-se vulneráveis a tensões imprevisíveis, como secas, cheias ou incêndios. Enquanto nenhum organismo é imune a desastres, os forrageadores – que podem adquirir alimentos mais facilmente de fontes diferentes das habituais, ou, em vez disso, deslocarem-se para áreas menos afectadas – são pelo menos muito mais capazes de se adaptarem.

[8] A agricultura corrói a camada superficial do solo ao remover a protecção oferecida pelas árvores e outras plantas, seguida da aração repetida da terra (geralmente para cultivar monoculturas), expondo-a assim aos elementos e impedindo a possibilidade de regeneração.

[9] O anarquismo social surgiu do Iluminismo como a corrente antiautoritária do socialismo; seus proponentes geralmente enfatizam a importância de construir estruturas sociais libertárias em larga escala como um meio de se opor ao poder estatal.

[10] Os esquerdistas comumente afirmam que a sociedade de massa pode ser resgatada pelo uso de algum tipo de sistema diretamente democrático, tipicamente um envolvendo o uso de delegados. Conforme o projeto, os delegados seriam limitados a promulgar decisões tomadas por assembleias locais, diferentemente das democracias representativas, onde os administradores tomam decisões executivas. Apesar da popularidade de tais propostas, no entanto, parece totalmente ingênuo supor que organizações de delegados poderiam realizar administração política em larga escala sem tomar a grande maioria de suas decisões independentemente das assembleias locais. Exigir que tais organizações evitem assumir papéis governamentais as consideraria incapazes de funcionar, razão pela qual elas sempre assumem o papel do estado, algo confirmado por experimentos libertários em larga escala, como a anarquista Catalunha (1936-7) e a democrática confederalista Rojava (2011-presente).

[11] Esta discussão é amplamente baseada nas ideias do anarquista individualista Max Stirner, particularmente aquelas encontradas no seu livro *The Unique and Its Property* (1845), e desenvolvidas em anos mais recentes pelos escritores anticivilização Jason McQuinn e Bellamy Fitzpatrick.

[12] Esta é uma tentativa de oferecer uma definição viável de um termo duvidoso. Escritores anticivilização como David Watson e John Zerzan definiram a tecnologia de forma mais restrita, considerando-a como algo como um complexo de relações sociais visando à assimilação de todas as técnicas locais (uso em pequena escala de ferramentas/máquinas) em um sistema totalizante. No entanto, além de entrar em conflito com o uso cotidiano do termo, esta definição corre o risco de obscurecer o uso potencialmente desastroso das técnicas locais.

[13] Em vez de se opor totalmente à tecnologia, esta peça rejeita a dominação tecnológica, pela qual organismos potencialmente autônomos (humanos e outros) são reduzidos a apêndices de infraestruturas artificiais de produção e controle.

[14] Uma resposta óbvia denunciaria tal caracterização como racista. No entanto, os leitores devem ter em mente que a tendência de se sentir insultado por comparações entre humanos e outros animais é em grande parte uma importação judaico-cristã. Em contraste, os humanos indígenas da África Ocidental frequentemente consideravam outros animais como relações familiares em vez de alienígenas, dignos de estima ou mesmo reverência espiritual, e as comparações podem ter sido tomadas como um elogio (o mesmo vale para muitos nativos americanos pré-coloniais, bem como culturas animistas em geral). Reservar o termo “escravidão” exclusivamente para seres humanos sugere que o *Homo sapiens* é fundamentalmente diferente de outros animais, uma visão que os oponentes do colonialismo europeu deveriam rejeitar.

[15] Para uma crítica esclarecedora do humanismo, veja *Straw Dogs: Thoughts on Humans and Other Animals* (Granta Books, 2002), de John Gray. Pode ser resumido como argumentando que a vida humana não é mais especial do que a do bolor limoso, apesar de tudo o que as mentes ocidentais modernas (tanto religiosas como seculares) apresentam como prova do nosso estatuto excepcional – livre-arbítrio, racionalidade, moralidade, tecnologia, progresso, e assim por diante.

[16] Em relação à catástrofe ecológica, note que até seis períodos de extinção em massa precederam o atual, com mortes anteriores tendo sido potencialmente causadas por entidades tão variadas quanto cianobactérias, árvores, meteoros e vulcões. Sobre exploração e dominação, enquanto alguns teóricos

relevantes (como Marx, Bookchin, Zerzan) creditam à humanidade a invenção de tais relações, isso ignora os altos níveis de manipulação – inclusive colonização, escravidão e genocídio – que ocorrem rotineiramente entre organismos não humanos de vários tipos. Sobre tecnologia, tenha em mente que chimpanzés, corvos e polvos estão entre os indivíduos conhecidos por criar ferramentas com uma função específica em mente. Além disso, a própria evolução humana pode ser recontada como a história do aprimoramento tecnológico de múltiplas comunidades microbianas, sem as quais nunca teríamos existido.

[17] Esta discussão deve-se ao texto *Fear of the Animal Planet: The Hidden History of Animal Resistance* (CounterPunch e AK Press, 2010), escrito por Jason Hribal.

[18] Esta afirmação é feita com referência ao discurso anti-civ/anti-spe visível na metade norte da Europa (aparentemente aplica-se também à América do Norte). A separação destas questões parece pelo menos um pouco menos comum na metade sul da Europa, como é sugerido por jornais anarquistas como o *Fenrir* de língua italiana e o *Adamasto* de língua grega.

[19] As tentativas de domesticar outros animais nem sempre correram conforme o planejado. Por exemplo, os frescos do antigo Egito sugerem tentativas falhadas de escravizar hienas e antílopes – exemplos iniciais de resistência animal bem-sucedida.

[20] A própria noção de supremacia humana é em si uma ilusão humanística. Não importa o quanto os humanos expandam seu poder com a ciência e a tecnologia, um número incontável de outras criaturas – incluindo ratos e pombos, coronavírus e mofo de geladeira – continuam a viver suas vidas com total desrespeito aos nossos desígnios.

[21] Note-se que a infra-estrutura desenvolvida para fins de criação de animais é a mesma que foi posteriormente utilizada para escravizar humanos.

[22] Em vez de tentar estabelecer relações de igualdade entre diferentes espécies, o anti-especismo pode ser reconcebido no sentido antiideológico de descartar completamente a noção de espécie, que mascara a personalidade única de cada animal por trás de qualquer tipo biológico imaginado.

[23] Esses equívocos foram desmascarados por vários escritores. Para um exemplo clássico, veja *The Truth About Primitive Life: A Critique of Anarcho-Primitivism* (2008), escrito por Ted Kaczynski.

[24] Há também exceções definitivas a esta afirmação. Leyla AbelRahim e Ria Montana opõem-se fortemente à caça em favor do veganismo, mas, no entanto, mantêm o termo “anarco-primitivista” para descrever as suas visões anticivilização.

[25] Sobre este tópico, *Corrosive Consciousness* de Bellamy Fitzpatrick (Enemy Combatant Publications, 2017) é altamente recomendado. Outros exemplos notáveis de textos anticivilização que também são antiprimitivistas incluem “Swamp Fever, Primitivism & the 'Ideological Vortex': Farewell to All That” de David Watson (Fifth Estate, 350, 1997), *Why I am not a Primitivist* de Jason McQuinn e *A Critique, Not a Program: For a Non-Primitivist Anti-Civilization Critique* de Wolfi Landstreicher (Intellectual Vagabond Editions).

[26] Devemos ser honestos em algo que os anarco-primitivistas têm relutado em aceitar, a saber, que reverter para um estilo de vida de coleta totalmente independente de fontes de alimentos domesticados é totalmente irrealista para quase todos os humanos vivos hoje. Sobre isso, o periódico anticivilização norte-americano *Backwoods* teve o bom senso de focar na permacultura e na jardinagem florestal – meios de subsistência ecologicamente manipuladores, mas também potencialmente altamente regenerativos – como meios genuinamente praticáveis de abandonar o Leviatã.

[27] Nenhuma prescrição moral está sendo feita aqui. Em vez de tentar determinar como devemos nos comportar, esta peça apenas destaca algumas considerações negligenciadas, presumivelmente de interesse para aqueles que levam a sério a resistência à exploração, tanto dos outros quanto deles mesmos. Deixe que nossa própria experiência vivida determine o que deve ser feito para passar o dia.

[28] A metafísica (do latim: meta , que significa “atrás” ou “além”, e física , que significa “coisas naturais”) é frequentemente definida como o ramo da filosofia que lida com temas que supostamente estão além do reino do conhecimento mundano. No entanto, dada a impossibilidade de alguma vez experimentar algo além das nossas percepções do aqui e agora, e assim descobrir como o mundo realmente funciona, todos os compromissos metafísicos só podem ser revelados como artigos de fé.

[29] Para um relato definitivo do animismo em contraste com o racionalismo, veja *The Spell of the Sensuous* (Vintage Books, 1997), de David Abram, um livro evocativo e especial. Foi genialidade de Abram aplicar a fenomenologia, um movimento filosófico cético associado a Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty, para fornecer um relato inteligível do animismo para um público ocidental moderno. Descrever qualquer tipo de objeto como “animado”, argumenta Abram, é simplesmente a maneira mais direta de entender nossa experiência espontânea dele, antes da aplicação de definições e outras concepções.

[30] No final dos seus vinte anos, Kaczynski abandonou uma promissora carreira acadêmica por uma vida reclusa nas florestas de Montana. Além de se familiarizar com técnicas de caça e coleta, em 1978 ele embarcou em uma feroz campanha de bombardeio de cartas, sendo apelidado de “o Unabomber” pela mídia por mirar em universidades e companhias aéreas comerciais. Sob a recomendação do FBI, que tinha pouca esperança de resolver seu caso mais longo e caro, tanto o *Washington Post* quanto o *New York Times* publicaram o manifesto antitecnologia do Unabomber, *Industrial Society and its Future* , em 1995. Kaczynski foi preso no ano seguinte e atualmente reside em ADX Florence, Colorado.

[31] Enquanto esses pensamentos se referem ao consumo de organismos selvagens, algo semelhante se aplica ao consumo de fontes alimentares domesticadas também (o que é pelo menos tão importante a ser considerado, dada a distinta falta de oportunidades de forrageamento disponíveis para a maioria dos humanos vivos hoje). A criação de animais – mesmo quando assume uma forma relativamente benigna – sem dúvida sempre equivale à escravidão; no entanto, parece menos claro que tal caracterização se aplique ao cuidado de plantas e fungos. Por exemplo, observe que organismos sem um sistema nervoso central, apesar de se moverem muito, geralmente não mudam de lugar por conta própria. Uma planta de repolho presumivelmente se importa pouco em ficar cercada por uma cerca (de fato, uma cerca não seria necessária), mas isso dificilmente poderia ser dito de um coelho. Sem sugerir uma resposta aqui, deveríamos estar dispostos a perguntar: onde está a coerção envolvida em semear uma semente e regá-la?

[32] Em termos gerais, o niilismo (do latim: nihil , que significa “nada”) pode ser descrito como uma rejeição completa do monoteísmo e suas consequências; não apenas de Deus, mas também dos vários ideais – frequentemente mantidos por ateus vocais – que foram amplamente construídos sobre os fundamentos estabelecidos pela religião tradicional, incluindo moralidade, justiça, progresso, utopia, verdade objetiva e valor intrínseco. Mais especificamente, o tipo de niilismo mencionado acima é o niilismo moral, a rejeição do certo e do errado, de valores supostamente universais que determinam como somos obrigados a nos comportar.

[33] Em seu ensaio “Future Primitive”, Zerzan afirma que “a vida antes da domesticação/agricultura era, de fato, em grande parte de lazer, intimidade com a natureza, sabedoria

sensual, igualdade sexual e saúde”, e também que os humanos, no geral, “não conheciam alienação ou dominação” (de *Future Primitive: And Other Essays*, Autonomia, 1994). Da mesma forma, Tucker afirma em *Against Cultivation and in Defense of Wildness* que “os anarco-primitivistas se concentram no alvorecer da domesticação como as origens do nosso dilema atual, porque, acima de tudo, este é o evento definitivo no qual os males sociais que todos enfrentamos agora começam”.

[34] Para ser claro, nenhuma das especulações históricas oferecidas neste artigo tenta revelar “a verdade” do assunto. Mentes civilizadas frequentemente se referem ao passado com um senso de certeza, supondo que nossas perspectivas inerentemente limitadas e tendenciosas (além de sermos capazes de saber o que realmente aconteceu há apenas cinco minutos) são poderosas o suficiente para descobrir objetivamente como as coisas eram milênios antes. No entanto, a história não é um portal para o passado; é meramente a construção de ficções mais ou menos duráveis no presente. Nenhuma quantidade de dados ou análises pode superar a incapacidade dos animais – humanos incluídos – de experimentar algo além do aqui e agora. E nesse sentido, o passado sempre permanecerá um caos desconhecido.

[35] O uso do termo “humano” não deve mais ser entendido como uma referência exclusiva ao *Homo sapiens*, mas a todos os membros do gênero *Homo*, incluindo o *Homo ergaster* (que viveu no leste e sul da África há um milhão e meio de anos), o *Homo erectus* (que prosperou no leste da Ásia por quase dois milhões de anos) e o *Homo neanderthalensis* (que percorreu a Eurásia ocidental durante a Última Idade do Gelo).

[36] As estimativas atuais sobre quando a caça planejada começou variam muito. Basta dizer que ela antecedeu a domesticação em alguns milhares de anos e foi uma atividade focal para aquelas culturas humanas que mais tarde desenvolveram a civilização. Também deve ser mencionado que, embora possamos usar evidências arqueológicas para especular sobre quando alguns humanos adotaram a caça planejada, isso está bem distante da questão sem esperança de perguntar quando a humanidade a adotou completamente. Pode ser facilmente que atitudes divergentes sobre a caça não sejam novas. Poderiam alguns humanos da Idade da Pedra ter caçado culturas de outros animais até o esquecimento, enquanto outros humanos – culturas inteiras ou indivíduos vivendo nelas – não se interessaram ou se opuseram ativamente a tais práticas?

[37] Jared Diamond, *A ascensão e queda do terceiro chimpanzé* (Vintage Books, 2004); Yuval Noah Harari, *Sapiens* (Harper, 2015).

[38] Poderíamos perguntar se uma dinâmica semelhante levou ao desaparecimento do *Homo neanderthalensis*, uma espécie humana que foi extinta há cerca de 30.000 anos, na mesma época em que o *Homo sapiens* estava se espalhando por suas terras natais na Eurásia. Embora os antropólogos discordem sobre se o genocídio nas mãos de nossos ancestrais contribuiu ou não para a perda dos neandertais, continua sendo uma teoria líder. Relevantemente, na medida em que tal explicação é favorecida, a caça planejada de não-humanos deve ter sido um precursor essencial. Da mesma forma que a escravidão humana aplica o tratamento rotineiro de gado não-humano a membros de nossa própria espécie, os genocídios pré-históricos teriam se baseado no armamento, mentalidades e formas sociais há muito usadas para caçar outros animais, aplicando-os apenas ao abate de seres humanos.

[39] A principal explicação rival para essas extinções em massa é a mudança climática. No entanto, tal abordagem não pode explicar por que a perda extensiva de megafauna durante o Pleistoceno Superior parece ter estado ausente nos oceanos e também nas massas de terra onde os humanos chegaram muito mais

tarde. Além disso, há outros casos em que a súbita colonização humana de massas de terra outrora isoladas – como na Ilha Wrangel no Oceano Ártico (há 4.000 anos), na Nova Zelândia (há 800 anos) e nas Ilhas Galápagos (há 200 anos) – corresponde à perda de muitas espécies indígenas de animais; apenas esses casos, sendo mais recentes e, portanto, mais facilmente documentáveis, deixam pouco ou nenhum espaço para desviar a culpa da caça planejada.

[40] Enquanto esta discussão se concentrou na dominação de outros animais pelo *Homo sapiens* antes da domesticação, também poderíamos nos referir à evidência não insignificante tanto de tendências opressivas dentro de grupos de caçadores-coletores, quanto de conflito ou mesmo guerra aberta entre diferentes tribos. Podemos dizer que o Leviatã amplificou maciçamente essas tendências – já motivos suficientes para se opor a ele – sem sugerir que ele as inventou.

[41] Alguns anarquistas anticivilização contestariam este ponto, dado que os caçadores-coletores são geralmente considerados como se vendo a si mesmos como igualmente valiosos em comparação com outros animais. No entanto, tal caracterização deve ser rejeitada, dado que a maioria dos coletores humanos aparentemente se recusou a tratar os membros de sua própria espécie como caça justa: isso sugere que eles já haviam adotado o especismo em algum nível, considerando que o *Homo sapiens* possuía algum tipo de dignidade única que os tornava impróprios para predação.

[42] “Agricultura” (de Elementos de Recusa, 1999).

[43] Embora a maioria dos caçadores-coletores pareça ter tido imensamente menos hierarquia do que os humanos civilizados, a chefia também não parece ter estado completamente ausente (como é sugerido, por exemplo, por alguns relatos antropológicos dos aborígenes da Austrália e dos Sirionó da Amazônia).

[44] Zerzan, Patriarcado, Civilização e as Origens do Gênero .

[45] Junto com qualquer especulação histórica oferecida neste texto, esta descrição não deve ser tomada como oferecendo uma história universal, como se o gênero fosse adotado de acordo com uma sequência singular pela humanidade como um todo. A heterogeneidade do gênero é confirmada por sua expressão em formas muito mais queer e não binárias por muitos humanos indígenas (os Aashtime da cultura Maale e os Mähū do Havai e Taiti pré-coloniais são apenas dois exemplos), enquanto aparentemente são completamente ignorados por outros (como os iorubás do Delta do Níger, que antes da colonização não tinham termos para “homem” e “mulher”, em vez disso, favoreciam a idade como base de diferenciação social).

[46] Não precisamos considerar esta afirmação como se referindo exclusivamente aos seres humanos. Poderão os leões também considerar os antílopes como animais selvagens, contra os quais as suas culturas travam guerra?

[47] Um dos teóricos mais influentes do anarquismo contemporâneo, Bookchin rompeu com seus antepassados anarquistas sociais Bakunin e Kropotkin ao promover fortemente a ecologia, bem como substituir a análise de classe marxista por uma ênfase central mais ampla na hierarquia. No entanto, e apesar de inúmeras mudanças políticas (incluindo o afastamento do anarquismo em sua vida posterior), as propostas de Bookchin permaneceram bastante ortodoxas em sua lealdade obstinada à civilização, ao racionalismo, ao humanismo e ao especismo.

[48] O líder intelectual do Movimento de Libertação Curdo, Öcalan, foi em grande parte responsável pela sua eventual adoção do confederalismo democrático, uma vertente do socialismo libertário

que enfatiza o feminismo e a ecologia, juntamente com todas as principais suposições esquerdistas defendidas por Bookchin e Marx.

[49] Ver Steven Best, *A política da libertação total* (Palgrave Macmillan, 2014), pp.17–18.

[50] Os relatos lineares do tempo sustentam essencialmente que uma mudança global radical é possível (geralmente também que a agência humana é a força motriz que afeta tal mudança). A concepção linear do tempo foi amplamente popularizada por religiões monoteístas como o cristianismo, que ensinava que as questões presentes são bem diferentes do passado (antes da Queda) e serão bem diferentes do futuro (após a Redenção). Essa perspectiva aproximada foi posteriormente secularizada pela ideologia humanista do progresso, que sustenta que a humanidade está sempre avançando em direção a um mundo melhor do que qualquer coisa que veio antes. Tal superstição estava nitidamente ausente na Grécia Antiga, China e Índia, bem como em culturas humanas animistas e não monoteístas; elas parecem ter concordado amplamente que o tempo é rítmico ou cíclico, incorporando vastas ondas de ganho e perda, mas sem criar um futuro fundamentalmente diferente do passado.
